

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2015
Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

RULES OF PREY Copyright © 1989 by John Sandford

Título original: *Rules of Prey*
Título: *Sem Regras, de John Sandford*
Autor: John Sandford
Tradução: Pedro Cordeiro
Revisão: Joaquim E. Oliveira
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Vera Braga / Marcador Editora
Imagem de capa: © Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-129-2
Depósito legal: 393 997/15

1.ª edição: julho de 2015

INTRODUÇÃO

por John Sandford

É difícil ser um repórter de rua quando se tem muito mais de 40 anos. O corpo aguenta, mas a cabeça começa a ceder. O quinquagésimo assassinio, a décima segunda inundação, o nono tornado, o centésimo acidente de viação com várias vítimas mortais (não noticiamos as mortes solitárias, do tipo «homem colide com poste telefónico»), a ducentésima estupidez política.

A dada altura, tudo fica rotineiro e desinteressante; começa-se a falhar não só perante os leitores, mas também perante o próprio sentido de ética. Não dá para escrever blá-blá-blá, dois mortos; é mesmo preciso prestar atenção. Porque são coisas importantes, a sério. É preciso atender aos danos, olhar para os cadáveres, falar com os polícias, obter estimativas dos prejuízos, encontrar novas palavras para descrever a feira estadual, o maior produtor de carne de porco, o frango mais orgulhoso. Mas não se consegue encontrá-las. Certa vez, um pequeno tornado – ou talvez tenha sido um vento ciclónico, na verdade não me recordo – abalou uma pequena vila do Wisconsin e as quintas das redondezas. Fui enviado para escrever a história, e fi-lo, falando com vítimas, perguntando se o vento tinha o som de uma locomotiva, procurando histórias com final feliz e situações curiosas, reparando na crescente presença de isolamento de fibra de vidro cor-de-rosa, em detrimento do antigo material amarelado (fica muito à vista quando as casas se desmoram), e acabei no pátio de um velho lavrador produtor de laticínios.

O celeiro estava, em grande parte, derrubado; bem, seja como for, tinha tombado. Parte dele caíra em cima de uma vaca leiteira preta

e branca, partindo-lhe as pernas da frente. Teria de ser abatida. Estava sentada, feita num oito, a meio do celeiro, dorida. Os seus grandes olhos de vaca davam a entender que sabia o que a esperava. O velho grisalho, que se sentia obrigado a dar o tiro – e que considerava a vaca uma velha amiga –, falou-me dela e, depois, sentou-se num cepo e chorou.

Quase não aguentei, e percebi que estava a chegar ao fim da linha das reportagens. Tive disso a certeza quando veio o tornado seguinte. A tempestade atingiu o Sudoeste do Minnesota e, mal ouvi falar dela na redação, dirigi-me à porta. Sabia que um editor qualquer iria procurar o meu coiro e querer enviar-me em viagem, da noite para o dia, para ver casas-rebentadas-vidas-destruídas-crianças-chorosas-blá-blá-blá.

Escondi-me. Uma péssima atitude para um repórter.

Não queria deixar de escrever, apenas deixar de me magoar. Tentei escrever um romance; não vendeu bem, mas ganhei muito dinheiro. Escrevi um ensaio sobre o artista John Stuart Ingle, publicado em livro no âmbito de uma grande retrospectiva do seu trabalho. *The Eye and the Heart: Watercolors of John Stuart Ingle* consistia, sobretudo, em reproduções das pinturas de John, é claro, pelo que não era mesmo um livro meu. Mas tinha capa dura, uma sobrecapa lisa e dizia John Camp (o meu nome verdadeiro) na capa.

Hum. Não-ficção.

Passei grande parte do ano a fazer jornalismo médico e disso fiz outro livro de não-ficção, intitulado *Plastic Surgery: The Kindest Cut*.

Mas a não-ficção assemelhava-se demasiado às reportagens de que tentava fugir. Decidi voltar a tentar a ficção. E dessa decisão resultou, primeiro, um romance chamado *The Fool's Run*, com o seu herói, Kidd; e, depois, *Rules of Prey (Sem Regras)*.

The Fool's Run demorou um ano a escrever, porque eu estava a aprender o ofício. Quando se escreve romances, o editor não quer ouvir dizer que desta vez estamos a trabalhar no desenvolvimento das personagens, que da próxima vez trataremos do enredo e que, ao terceiro livro, tentaremos reunir tudo. Querem tudo já, nesse primeiro livro, ou então que tentemos de novo.

Aprendi o ofício com *The Fool's Run*. Quando o vendeu, a minha agente, a estimável Esther Newberg, disse-me, numa típica chamada

telefônica de um minuto: «Provavelmente, podias viver disto. Devias escrever livros maiores. Ganharias muito mais dinheiro.»

O que é um livro maior? «Sabes, um com maior desenvolvimento das personagens, contexto, mais reviravoltas na ação.»

Comecei o *Rules (Sem Regras)* a meio do verão e entreguei-o a Esther no Dia de Ação de Graças. Vendeu-o nesse fim de semana grande.

Escrevi-o praticamente em transe. Porque tinha de trabalhar para sustentar a família, fazia reportagem todo o dia e escrevia toda a noite. Andava como um fantasma pelas passadeiras aéreas de St. Paul, sem reconhecer amigos e políticos conhecidos, chocando contra postes. Perdia o carro no estacionamento subterrâneo. Não ouvia as pessoas que falavam comigo; ia a eventos políticos e tirava apontamentos no livro.

Tudo o que está no livro veio da minha experiência como repórter de imprensa. Não sei quantos cadáveres já vi, ou a quantas cenas de crime já fui, mas foram muitos. Cobri dezenas de casos judiciais, passei semanas na prisão estadual a falar com assassinos, quase um ano a assistir a diversas cirurgias, incluindo a cirurgias de urgência relacionadas com crimes.

Pus tudo isso aqui.

É claro que nada disto é real.

Os polícias não agem como Lucas Davenport – se o fizessem, seriam despedidos ou mesmo presos. Não são ricos, não conduzem *Porsches*, a maior parte está-se nas tintas para a moda. Lucas Davenport faz tudo isso. Não há melhor, para Lucas, do que um fato novo, daqueles que têm mesmo bom aspeto. E é assim porque é um cruzamento de polícia com estrela de cinema. Quis que ele fosse uma estrela. Quis que fosse diferente. Quis que fosse um polícia mau e durão de que as mulheres gostassem.

Ouçam: muito do que se escreve sai-nos de rompante, do coração e da experiência. Mas também há uma boa dose de cálculo. Quis levar as pessoas a gostar de Lucas Davenport. E, no que toca a emoções, quando tive de escolher entre um bom arrepio e um bom procedimento policial, não hesitei em mandar o procedimento às malvas.

Descobri, ao terminar, que a maioria dos polícias gostou do livro. Este tinha realidade suficiente para o aprovarem, sobretudo as coisas

estúpidas, o tipo de coisas estúpidas que faz a vida da maioria dos policiais de rua. Fantástico. Obtive a mesma reação dos repórteres de rua. Ainda melhor.

Quando escrevi o *Sem Regras*, nunca me ocorreu que este tipo, Lucas Davenport, fosse tornar-se a minha segunda carreira. Pensei que iria ser um livro solitário e que o meu livro seguinte envolveria, por exemplo, uma agente feminina do FBI.

Ainda a tenho em mente, mas nunca lá cheguei. Davenport levou-me a mais 15 romances, e tem sido uma viagem e peras.

Gostei da maior parte; tive um ou outro choque. Acho que vou fazer mais uns quantos.

1

Um cartaz num telhado lançava uma luz azul cintilante pelas janelas do estúdio. A luz fazia ricochete no vidro e no aço inoxidável: uma jarra de cristal vazia rodeada de pó, um apara-lápis, um micro-ondas, frascos de manteiga de amendoim cheios de lápis de carvão, pincéis e lápis de cera. Um cinzeiro cheio de moedas e de cliques. Latas de tinta para cartazes. Facas.

Via-se vagamente uma aparelhagem, conjunto de silhuetas retangulares no parapeito da janela. Um relógio digital atirava contra o silêncio minutos eletrônicos encarnados.

O cão raivoso esperava no escuro.

Ouvia a sua própria respiração. Sentia o suor gotejar-lhe dos poros das axilas. Saboreava os restos do jantar. Sentia a virilha depilada. O cheiro do corpo da Escolhida.

Nunca se sentia tão vivo como nos últimos momentos de uma perseguição longa. Para certas pessoas, para pessoas como o seu pai, devia ser assim a cada minuto de cada hora: viver num plano mais elevado da existência.

O cão raivoso olhou para a rua. A Escolhida era artista. Tinha uma pele suave cor de azeitona e olhos castanhos líquidos, seios certinhos e uma cintura esbelta. Vivía ilegalmente no armazém, tomava banho a altas horas da noite, na casa de banho comunitária ao fundo do corredor, cozinhando furtivamente refeições de micro-ondas depois de o supervisor do edifício ter ido embora, até ao dia seguinte. Dormia numa cama estreita numa arrecadação minúscula, debaixo de

um crucifixo *Art déco*, imersa em vapores de terebentina e linhaça. Acabara de sair, para comprar refeições pronto-a-comer. As merdas do micro-ondas haviam de matá-la, se ele não o fizesse, pensou o cão raivoso. Era provável que estivesse a fazer-lhe um favor. Sorriu.

A artista seria a sua terceira vítima nas Twin Cities, a quinta da sua vida.

A primeira fora uma miúda do rancho, que cavalgava do prado para as colinas calcárias cobertas de bosques do Leste do Texas. Usava calças de ganga, uma camisa de xadrez vermelho e branco e botas de vaqueiro. Sentava-se, direita, numa sela à Oeste, montando mais com os joelhos e a cabeça do que com as rédeas que tinha na mão. Vinha direita a ele, com uma única trança loira a balançar lá atrás.

O cão raivoso tinha uma espingarda, uma *Remington* Modelo 700 ADL calibre .270 *Winchester*. Apoiou o antebraço num tronco apodrecido e atingiu-a a menos de 40 metros. O tiro solitário penetrou-lhe o esterno e derrubou-a do cavalo.

Foi um assassinio de um tipo diferente. Não fora Escolhida; andava a pedi-las. Dissera, três anos antes da matança, com o cão raivoso a ouvir, que os lábios dele eram como vermes vermelhos. Como os vermes vermelhos serpenteantes que se veem debaixo das pedras do rio. Dissera-o no átrio do liceu onde andavam, com um grupo de amigos à volta dela. Alguns olharam para o cão raivoso, por cima do ombro. Ele estava a cinco metros, sozinho, como sempre, a arrumar os livros na prateleira de cima do seu cacifo. Não deu sinais de ter ouvido. Desde a mais tenra idade tivera muito jeito para disfarçar, embora a miúda do rancho não parecesse interessar-se por isso. O cão raivoso era uma não-entidade social.

Mas pagou pelas suas palavras descuidadas. Ele guardara aquele comentário no peito durante três anos, sabendo que a sua hora chegaria. E chegou. Caiu para trás do cavalo, mortalmente atingida por uma bala de caça de expansão rápida e revestida de cobre.

O cão raivoso correu ligeiro pelos bosques, atravessando uma extensão rasa de pradaria pantanosa. Largou a arma debaixo de um bueiro de ferro enferrujado onde uma estrada atravessava o pântano. O bueiro enganaria qualquer detetor de metais usado para procurar a arma, embora o cão raivoso não esperasse uma busca – era a

temporada dos veados, e os bosques estavam cheios de maníacos das cidades, armados até aos dentes e prontos para matar. A temporada, o esconderijo da arma, tudo fora decidido com muita antecedência. Mesmo no segundo ano da faculdade, o cão raivoso era um planeador.

Foi ao funeral da rapariga. O rosto estava ileso e a metade de cima do caixão fora deixada aberta. Sentou-se o mais perto que conseguiu, de fato escuro, olhando para a cara dela e sentindo o seu poder a crescer. Só lamentava que ela não tivesse sabido que a morte se aproximava, para que pudesse saborear a dor; e que não tivesse tido tempo para desfrutar a sua passagem.

A segunda morte foi a primeira de uma verdadeiramente Escolhida, embora já não a considerasse uma obra adulta. Fora mais... uma experiência? Sim. Na segunda morte, consertara as falhas da primeira.

Era puta. Matou-a nas férias da Páscoa do segundo ano, o ano da crise, na faculdade de Direito. A necessidade estava lá há muito, pensou. A pressão intelectual da faculdade de Direito tornara tudo mais complexo. E, numa noite fria de Dallas, com uma faca, conseguiu alívio temporário graças ao corpo branco e pálido de uma saloia do Mississípi, que viera para a cidade tentar a sorte.

A morte a tiro da miúda do rancho fora chorada como acidente de caça. Os pais fizeram o luto e andaram com a vida para a frente. Passados dois anos, o cão raivoso viu a mãe da rapariga a rir à porta de uma sala de espetáculos.

A polícia de Dallas considerou a execução da puta um assassinio de rua, ligado à droga. Encontraram *Quaaludes* na bolsa dela, e foi o bastante. Só tinham um nome de rua. Puseram-na numa sepultura para pobres com esse nome, um nome errado, na minúscula placa de ferro que assinalava o local. Não chegara a fazer 16 anos.

As duas mortes tinham sido satisfatórias, mas não cabalmente calculadas. Os assassinios nas Cities foram diferentes. Foram meticulosamente planeados, com táticas baseadas na análise profissional de uma dúzia de investigações de assassinios.

O cão raivoso era inteligente. Era advogado da Ordem. Deduzia as regras.

Nunca mates alguém que conheces.

Nunca tenhas um motivo.

Nunca sigas um padrão identificável.

Nunca andes com uma arma depois de esta ter sido usada.

Protege-te de descobertas fortuitas.

Não deixes indícios físicos.

Havia mais. Fez delas um desafio.

Era louco, claro. E sabia-o.

No melhor dos mundos, teria preferido ser são. A loucura acarretava muita pressão. Agora tinha comprimidos, pretos para a tensão arterial alta, castanho-avermelhados para dormir. Preferia ser mentalmente são, mas há que jogar com as cartas que se recebe. Dissera-lho o pai. A marca de um homem.

Era louco, portanto.

Mas não exatamente da forma que a polícia julgava.

Atava e amordaçava as mulheres e violava-as. A polícia considerava-o um tarado sexual. Um tarado frio.

Demorava-se nos assassinios e violações. Achavam que ele falava com as vítimas, insultando-as. Tinha o cuidado de usar preservativos. Preservativos lubrificados. As amostras vaginais póstumas das duas primeiras vítimas nas Cities continham vestígios do lubrificante. Como os polícias nunca encontraram as camisinhas, presumiram que as levaria com ele.

Os psiquiatras consultados, contratados para elaborar um perfil psicológico, acreditavam que o cão raivoso *temia* as mulheres. Possivelmente por ter vivido, em miúdo, com uma mãe dominante, diziam, uma mãe que alternava entre a tirania e o amor, com conotações sexuais. É possível que o cão raivoso tivesse medo da sida, e era possível – mencionaram inúmeras possibilidades – que fosse, na essência, homossexual.

Era possível, disseram, que *fizesse algo* com o sémen que guardava nos preservativos. Quando os psiquiatras o afirmaram, os polícias olharam uns para os outros. Que fizesse algo? Que fizesse o quê? Gelados de cone? O quê?

Os psiquiatras estavam enganados. Em tudo.

Não insultava as vítimas, consolava-as; ajudava-as a *participar*. Não usava as camisinhas com o objetivo principal de se proteger de doenças, mas para se proteger da polícia. O sémen é uma pista, cuidadosamente recolhida, examinada e registrada por médicos forenses. O cão raivoso sabia de um caso em que uma mulher fora atacada, violada e morta por um de dois pedintes. Cada um dos homens acusava o outro. Uma análise ao sémen foi crucial para identificar o assassino.

O cão raivoso não guardava as camisinhas. Não *fazia nada* com elas. Atirava-as para a sanita, com a sua carga de provas, nas casas de banho das vítimas.

E a mãe não era nenhuma tirana.

Era uma mulher pequena e infeliz, de cabelo escuro, que usava vestidos de chita e chapéus de palha de abas largas no verão. Morreria quando ele andava no liceu. Mal se lembrava da cara dela, embora uma vez, ao pesquisar caixas da família sem grande preocupação, tivesse encontrado uma pilha de cartas endereçadas ao pai, atadas com uma fita. Sem saber bem porquê, cheirou os envelopes e deparou, maravilhado, com um odor vago e persistente a ela, um odor como o de velhas pétalas de rosas silvestres, ou de memórias dos lilases da Páscoa.

Mas ela não era nada.

Nunca contribuíra. Nunca ganhara nada. Não fazia nada. Era um lastro para o pai. O pai e os seus jogos fascinantes, ela era um lastro para eles. Lembrava-se de o pai lhe ter gritado, uma vez: *Estou a trabalhar, estou a trabalhar, e, quando estou a trabalhar, tu não entras nesta sala; tenho de me concentrar e não consigo se vieres para aqui lamuriar-te e lamuriar-te...* Os jogos fascinantes jogados em tribunais e prisões.

O cão raivoso não era homossexual. Só sentia atração por mulheres. Era a única coisa que um homem podia fazer, fazer aquilo com mulheres. Desejava-as, via-lhes a morte e sentia-se explodir num momento transcendente.

Em momentos de introspeção, o cão raivoso vasculhara a sua psique, procurando a génese da sua loucura. Decidiu que não chegara toda de uma vez, tendo antes *crescido*. Recordou as semanas solitárias de isolamento no rancho, com a mãe, enquanto o pai estava em Dallas a jogar os seus jogos. O cão raivoso trabalhava com a sua

espingarda .22, alvejava esquilos. Se atingisse um em cheio, acertando-lhe nos quadris, fazendo-o rebolar para fora da sua toca, o animal estrebuchava e guinchava e tentava arrastar-se até à toca, rastejando com as patas da frente.

Todos os demais esquilos, das tocas vizinhas, punham-se de pé nos montículos de areia que tinham escavado dos seus buracos, e ficavam a ver. Depois, ele escolhia um segundo animal, o que fazia com que ainda mais esquilos saíssem, e depois um terceiro, até que houvesse toda uma colónia a ver meia dúzia de esquilos feridos a tentar rastejar até às tocas.

Feria seis ou sete, disparando de bruços, depois levantava-se e caminhava até às tocas para acabar de os matar com um canivete. Por vezes, esfolava-os vivos, golpeando-lhes as peles enquanto se contorciam nas suas mãos. Depois atava-lhes as orelhas, guardando a corda à entrada de um armazém de máquinas. No final de um verão, tinha mais de trezentos pares de orelhas.

Tivera o primeiro orgasmo da sua jovem vida deitado perto da berma de um prado, a alvejar esquilos. O longo espasmo fora como a própria morte. Depois desabotoou as calças de ganga e abriu a frente da roupa interior para olhar para as manchas húmidas de sémen, e disse para si mesmo: – Caraças, desta é que foi... caraças, desta é que foi. – Disse-o vezes sem conta e, depois, a paixão veio-lhe com maior frequência, enquanto caçava no rancho.

Suponhamos, pensou, que tivesse sido diferente. Suponhamos que tivesse tido amigas, miúdas, com quem brincasse aos médicos num dos barracões. *Mostra-me a tua e eu mostro-te a minha...* Teria feito alguma diferença? Não sabia. Aos catorze anos, já era tarde. A sua mente já dera a volta.

Havia uma rapariga que vivia a um quilómetro, na mesma rua. Tinha mais cinco ou seis anos do que ele. Filha de um verdadeiro rancheiro. Um dia, passou montada num atrelado que a mãe dela puxava com um trator. A rapariga trazia uma *T-shirt* encharcada de suor que deixava ver os mamilos espetados contra o tecido sujo. O cão raivoso tinha catorze anos e sentiu agitar-se dentro de si um desejo potente. Disse em voz alta: – Amava-a e matava-a.

Estava louco.

Quando andou na faculdade de Direito, leu sobre outros homens como ele, fascinado por saber que fazia parte de uma comunidade. Pensava naquilo como uma comunidade de homens que compreendiam a poderosa exaltação daquele momento de ejaculação e morte.

Mas não era só a matança. Deixara de o ser. Agora havia a emoção intelectual.

O cão raivoso sempre adorara jogos. Os jogos que o pai jogava, os jogos que ele próprio jogava sozinho no quarto. Jogos de fantasia, jogos de faz-de-conta. Tinha jeito para o xadrez. Ganhara o torneio de xadrez do liceu três anos seguidos, embora raras vezes jogasse com outros fora dos torneios.

Mas havia jogos melhores. Como os que o pai jogava. Mas até o pai era um substituto do verdadeiro jogador, do outro homem à mesa, do réu. Os verdadeiros jogadores eram os réus e os polícias. O cão raivoso sabia que nunca poderia ser polícia. Mas ainda podia ser jogador. E agora, no seu vigésimo sétimo ano de vida, aproximava-se do seu destino. Jogava e matava, e a alegria desse ato fazia o seu corpo cantar de prazer.

O derradeiro jogo. As derradeiras apostas.

Apostara a vida nisto: não o conseguiriam apanhar. E estava a ganhar vidas de mulheres como fichas de póquer. Os homens sempre jogaram por mulheres; era essa a sua teoria. Eram os prêmios em todos os melhores jogos.

Os polícias não tinham, é claro, interesse em jogar. Os polícias eram notoriamente aborrecidos.

Para os ajudar a perceber a ideia do jogo, deixava uma regra com cada assassinio. Palavras cuidadosamente retiradas do jornal de Mineápolis, uma pequena frase colada com fita-cola *Scotch Magic* a um bloco de notas. No primeiro assassinio nas Cities, foi: *Nunca mates alguém que conheces.*

Isso confundiu-os muito. Colocou o papel sobre o peito da vítima, para que não houvesse dúvidas sobre quem o deixara lá. À última hora, de forma quase jocosa, assinou: *cão raivoso.*

A segunda levou com: *Nunca tenhas um motivo.* Com isso, ficariam a saber que estavam a lidar com um homem com um propósito.

Embora devam ter ficado borrados, os polícias esconderam a história dos jornais. O cão raivoso ansiava por imprensa. Ansiava por ver os colegas de foro a seguir o avanço da investigação nas notícias do dia. Saber que falavam com ele, e sobre ele, sem saber que ele era Ele.

Maravilhava-o. Esta terceira recolha devia chegar. A polícia não podia suprimir a história para sempre. As esquadras da polícia, normalmente, gotejavam como algarozes. Surpreendia-o que o segredo se tivesse mantido durante tanto tempo.

Para a terceira vítima, a mensagem seria: *Nunca sigas um padrão identificável*. Deixou a folha de papel à espera.

Havia nisto uma contradição, é claro. O cão raivoso era um intelectual e pensara nela. Era cuidadoso a ponto de se tornar fanático: não deixava pistas. E, ainda assim, criava-as deliberadamente. A polícia e os seus psiquiatras poderiam deduzir certas coisas sobre a sua personalidade e escolha de palavras. E do simples facto de fazer regras. Era o impulso de jogar.

Mas, quanto a isso, não havia nada a fazer.

Se o que importava fosse apenas *matar*, não tinha dúvidas de que o faria e escaparia. Dallas demonstrara-o. Podia fazê-lo dúzias de vezes. Centenas. Voar até Los Angeles, comprar uma faca numa loja qualquer, matar uma puta, voltar a casa nessa mesma noite. Uma cidade diferente em cada semana. Nunca o apanhariam. Jamais o *saberiam*, sequer.

A ideia atraía-o, mas acabou por se revelar intelectualmente estéril. Estava a desenvolver-se. Queria a *competição*. Precisava dela.

O cão raivoso abanou a cabeça no escuro e olhou do alto da janela. Os carros chiavam pela rua molhada. Havia um zumbido baixinho vindo da I-94, dois quarteirões para norte. Nenhum peão. Ninguém de sacos nas mãos.

Esperou, caminhando ao longo das janelas, a olhar para a rua. Oito minutos, dez minutos. A intensidade crescia, o pulsar, a pressão. Onde andaria ela? Precisava dela.

Viu-a, então, a atravessar a rua lá em baixo, com o cabelo escuro a oscilar nas luzes de vapor de mercúrio. Estava só e tinha um único saco de mercearia. Quando deixou de a ver, mesmo ali em baixo, foi até à coluna central e encostou-se a ela.

O cão raivoso usava calças de ganga, uma *T-shirt* preta, luvas de médico em látex e uma máscara de esqui de seda azul. Quando estava amarrada à cama e ele já se despira, a mulher descobria que o seu atacante se depilara: não tinha pelos públicos, como se tivesse cinco anos. Não porque fosse deprimido, embora aquilo fosse... *interessante*. A verdade é que já vira um caso em que especialistas de laboratório tinham colhido meia dúzia de pelos púbicos no sofá de uma mulher, que compararam com amostras do agressor. Tinham obtido as amostras do agressor com um mandado de busca. Bela jogada. Aceite no recurso.

Tremeu. Estava frio. Desejou ter trazido um casaco. Ao sair do apartamento, estavam 24 graus. A temperatura devia ter caído nove graus desde que escurecera. Maldito Minnesota.

O cão raivoso não era grande nem notavelmente atlético. Durante um breve período da adolescência, achara-se magro, embora o pai lhe chamasse *ligeiro*. Agora admitia perante o espelho que estava anafado. Com 1,78 metros, cabelo ruivo encaracolado, um princípio de duplo queixo, baixo-ventre arredondado... lábios como vermes vermelhos...

O elevador era velho e destinado a carga. Gemeu uma vez, e ainda outra, e arrancou. O cão raivoso verificou o equipamento: o penso higiénico que usaria como mordalha estava enfiado no bolso da direita. A fita com que prenderia a mordalha estava no bolso esquerdo. A pistola enfiada no cinto, debaixo da *T-shirt*. A pistola era pequena, mas feia: um revólver *Smith & Wesson* Modelo 15. Comprara-o a um homem que estava quase a morrer, e que veio a morrer. Antes disso, quando a pôs à venda, o moribundo disse-lhe que a mulher queria guardá-la, para se proteger. Pediu ao cão raivoso que não contasse que a comprara. Seria um segredo entre eles.

Era perfeito. Ninguém sabia que ele tinha a arma. Se alguma vez tivesse de a usar, seria indetetável, ou apenas detetável por um homem morto.

Pegou na arma e segurou-a a seu lado, pensando na sequência: agarrá-la, arma no rosto, forçá-la contra o chão, bater-lhe com a pistola, ajoelhar-se nas costas dela, puxar-lhe a cabeça para trás, enfiar-lhe o penso higiénico na boca, a fita, arrastá-la até à cama, atar-lhe os braços à cabeceira e os pés ao fundo.

Depois, relaxar e passar para a faca.

O elevador parou e as portas abriram-se. O estômago do cão raivoso apertou-se, numa sensação familiar. Agradável, até. Passos. Chave na porta. Tinha o coração aos pulos. Porta aberta. Luzes. Porta fechada. Pistola quente na mão, segura com força. A mulher a passar...

O cão raivoso catapultou-se do seu esconderijo.

Viu, num instante, que estava sozinha. Agarrou-a, a pistola ao lado do rosto dela.

O saco da mercearia rebentou e latas vermelhas e brancas de sopa *Campbell's* retiniram no soalho de madeira, como dados, pacotes beges e vermelhos de pedaços de frango e lasanha para micro-ondas esmagados sob os seus pés.

– Grita – disse na sua voz mais dura, bem treinada com um gravador – e mato-te.

Inesperadamente, a mulher relaxou-se contra ele e o cão raivoso relaxou, involuntariamente, com ela. Passado um instante, o salto do sapato dela esmagou-lhe o peito do pé. A dor era insuportável e, enquanto ele abria a boca para gritar, ela voltou-se nos seus braços, ignorando a arma.

– Aaaiii – disse ela, meio a gritar baixo, meio a gritar de medo. O tempo parou virtualmente para ambos, com os segundos a fragmentar-se em minutos. O cão raivoso viu-a erguer a mão, julgou que ela tinha uma arma e sentiu a mão em que tinha a sua própria arma a afastar-se do corpo dela, na direção errada. Pensou: *Não*. Apercebeu-se, no fragmento de tempo cristalino que se seguiu, que ela não tinha uma arma, mas um cilindro fino prateado.

Ela atingiu-o com um jato de gás-pimenta e o curso do tempo passou, loucamente, para o modo acelerado. Ele guinchou e golpeou-a com a *Smith*, que perdeu ao mesmo tempo. Balançou a outra mão e, mais por sorte do que por jeito, acertou no outro lado do maxilar dela, fazendo-a cair e rolar. O cão raivoso procurou a arma, às cegas, com as mãos na cara, os pulmões a funcionar mal – tinha asma, e o gás-pimenta penetrava na máscara de esquí –, e a mulher rebojava e voltava com o gás-pimenta, e gritava:

– Imbecil, imbecil...

Atirou-lhe um pontapé, mas falhou, e ela voltou a atingi-lo com o *spray*. Ele voltou a pontapear, ela tropeçou e rebolou, e ainda tinha o gás-pimenta, e ele não encontrava a arma e atirou-lhe mais um pontapé. De novo com sorte, agarrou a mão em que ela tinha o gás-pimenta, e a pequena lata voou. A testa dela jorrava sangue de onde fora atingida pela pistola, escorria-lhe do corte irregular para os olhos e a boca, e estava também nos dentes dela, e ela gritava:

– Imbecil, imbecil.

Antes de ele conseguir voltar a atacar, ela agarrou num cano brilhante de aço inoxidável e tentou acertar-lhe, como uma mulher que tivesse passado algum tempo nos campeonatos de *softball*. Ele evitou-a e recuou, ainda à procura da arma, mas esta tinha desaparecido. Ela voltava, e o cão raivoso tomou o tipo de decisão que estava treinado para tomar.

Fugiu.

Fugiu e ela correu atrás dele e voltou a acertar-lhe nas costas, quase fazendo com que tropeçasse; ele virou-se e atingiu-a no maxilar com a parte de baixo do punho, um murro fraco e ineficaz, e ela sacudiu-o e voltou com o cano, com a boca aberta e os dentes à mostra, salpicando-o de saliva e de sangue ao gritar, e ele conseguiu chegar à porta, que fechou atrás de si.

– ... imbecil...

Desceu pelo corredor até às escadas, quase sufocando atrás da máscara. Ela não o perseguiu, ficando atrás da porta fechada, a gritar, no gemido mais penetrante que ele alguma vez ouvira. A porta abriu-se, a dada altura, e ele continuou, às cegas, escada abaixo. Chegado ao fundo, arrancou a máscara, enfiou-a no bolso e saiu.

Deambula, pensou. Passeia.

Estava frio. Maldito Minesota. Era agosto e ele estava gelado. Ouvia-a aos gritos. Primeiro ao longe, depois mais alto. A cabra tinha aberto a janela. A polícia estava do outro lado da estrada. O cão raivoso encolheu os ombros e andou um pouco mais depressa até ao carro, entrou e afastou-se. A meio caminho de volta a Mineápolis, ainda sob o efeito de um medo de morte, a tremer de frio, lembrou-se de que os carros tinham aquecedores, e ligou o seu.

Chegou a Mineápolis antes de perceber que estava ferido. Maldito cano. Ia ficar cheio de nódoas negras, pensou, nos ombros e nas costas. Cabra. A arma não deveria causar problemas, porque não era possível descobrir-lhe a origem.

Que dores, meu Deus.

O empregado de balcão estava barricado atrás de um muro de revistas porno. Cigarros, chocolates e sacos de celofane com bolinhas de queijo, *tacos*, torresmos e outros carcinogéneos protegiam-lhe o flanco. Perto da caixa registadora, havia um expositor rotativo com botões brancos; cada botão tinha uma mensagem elaborada para refletir a motivação existencial de cada comprador. *Salvem as baleias – arpoem uma miúda gorda* era um campeão de vendas. Outro era: *Acabou-se o Sr. Simpático – ajoelha-te, puta*.

O empregado de balcão não estava a olhar para aquilo. Estava farto de olhar para aquilo. Espreitava pela janela da frente, cheia de marcas de moscas, e abanava a cabeça.

Lucas Davenport surgiu furtivamente das profundezas da loja com um exemplar do *Daily Racing Form* e pousou dois dólares e doze cêntimos no balcão.

– Cabrões dos putos – disse o empregado, para ninguém, esticando o pescoço para ver a rua mais ao longe. Ao ouvir o dinheiro de Lucas a bater no balcão, voltou-se. A sua cara de cão *basset* tentou esboçar um sorriso, mas ficou-se por um esgar. – Como vai isso? – chiou.

– O que é que se passa? – perguntou Lucas, olhando para a rua, para lá do empregado.

– Uns putos com *skates*. – O empregado de balcão sofria de enfisema, pelo que os seus pulmões atulhados só conseguiam articular frases curtas. – Andam atrás de um autocarro. – Chiou. – Se acertam numa tampa de esgoto... – Aspirou vento. – Morrem.

Lucas voltou a olhar. Não havia miúdos na rua. – Foram-se embora – disse o empregado de balcão, demoradamente. Pegou no *Racing Form* e leu o primeiro parágrafo do artigo principal. – Viu a mesa de vendas? – Chiou. – Um tipo trouxe aí umas poesias. – Pronunciou «poensias».

– Ah, sim? – Lucas foi até ao lado do balcão e examinou as filas de livros gastos sobre a mesa. Entalado entre dois ensaios sobre literatura do século xx, com capa dura, encontrou, para sua grande alegria, um volume fino, encadernado a tecido, de poemas de Emily Dickinson. Lucas nunca ia à procura de poesia; nunca comprava nada de novo. Esperava encontrar, por acaso – o que, surpreendentemente, acontecia com frequência –, canções órfãs metidas entre coleções de textos sobre engenharia termoelétrica ou bioquímica. Este *Emily Dickinson* custava um dólar quando foi impresso, em 1958, por uma editora obscura da Sexta Avenida de Nova Iorque. Passados trinta anos, custara oito cêntimos numa livraria da University Avenue de St. Paul.

– E este pónei? – Gargarejou. – Este *Wabasha Warrior*? – O empregado tamborilou os dedos no *Racing Form*. – Criado no Minesota. –

– É isso que eu acho – disse Lucas.

– O quê?

– Criado no Minesota. Deviam levá-lo à chicotada até à fábrica de Alpo. Claro que há um lado positivo...

O empregado de balcão esperou. Não tinha fôlego para ditos espirituosos.

– Se o *Warrior* for tratado como filho pródigo – disse Lucas –, vai fazer pender as probabilidades para o vencedor.

– Que será...

– Experimente o *Sun* e o *Halfpence*. Não é garantido, mas os números estão certos. – Lucas empurrou o livro de Emily Dickinson sobre o balcão, com uma etiqueta a dizer oitenta cêntimos e cinco cêntimos de imposto. – Deixe-me sair da loja antes de fazer a aposta, está bem? Não quero ser preso por conspiração para manipular os preços.

– Como queira. – Aspirou ar. – Tenente – disse o empregado. Passou a mão pela franja.

Lucas levou o *Emily Dickinson* para Mineápolis e estacionou no parque público perto da Câmara Municipal. Caminhou, contornando

aquele monte velho e horrivelmente feio de granito cor de fígado, atravessou outra rua, passou por um espelho de água e chegou ao Governo Civil do Condado de Hennepin. Apanhou a escada rolante até à cafetaria, comprou uma maçã vermelha numa máquina de venda, voltou a subir e saiu, pelo extremo do edifício, para o jardim. Sentou-se na relva entre bétulas brancas, ao sol quente de agosto, comeu a maçã e leu:

*...mas nenhum homem me moveu até que a maré
Pisasse o meu sapato simples
E o meu avental e o meu cinto
E também o meu corpete,
Como se me comesse
Toda, como o orvalho
Sobre um dente-de-leão
E, então, também eu comecei.*

Lucas sorriu e mordiscou a maçã. Ao olhar para cima, viu uma mulher de cabelo escuro atravessar a praça, empurrando um carrinho de bebé de dois lugares. Os gémeos usavam roupas cor-de-rosa iguais e balançavam de um lado para o outro enquanto a mãe os passeava pela praça. A mamã tinha seios grandes e uma cintura fina, e o cabelo branco andava-lhe para a frente e para trás, passando pelas bochechas claras como uma cortina de seda. Usava uma saia cor de ameixa e uma blusa de seda bege, e era tão bonita que Lucas sorriu de novo, atravessado por uma onda de prazer.

Depois passou outra, na direção oposta, loira e com um corte curto de cabelo, tipo *punk*, e um vestido de malha revelador, sedutoramente vulgar. Lucas viu-a a andar e suspirou ao ritmo de cada passada.

Lucas vestia um polo de ténis branco, calças caqui, meias azuis até ao joelho e sapatos náuticos com atacadores de couro compridos. Usava o polo por fora das calças, para não mostrar a arma. Era esbelto e de compleição escura, com cabelo preto e liso, a ficar grisalho nas têmporas, e um nariz comprido sobre um sorriso torto. Um dos seus

incisivos superiores centrais estava lascado e ele nunca o corrigira. Podia passar por indiano, não fossem os seus olhos azuis.

Tinha olhos quentes, complacentes. Este calor era, de certa forma, reforçado pela cicatriz branca vertical que começava no contorno do cabelo, descia até à órbita direita, saltava o olho e continuava pela bochecha até ao canto da boca. A cicatriz dava-lhe um ar rufião, mas também deixava uma sugestão de inocência, como Errol Flynn em *O Capitão Blood*. Lucas desejava poder contar às miúdas que a cicatriz fora feita por uma garrafa partida numa rixa de bar em Subic Bay, onde nunca estivera, ou em Banguocoque, onde também nunca fora. A cicatriz era resultado de um anzol de pesca que saltara de um peixe apodrecido no rio St. Croix, e era isso que ele lhes contava. Algumas acreditavam. Outras achavam que estava a esconder algo, como uma rixa de bar a leste do Suez.

Embora tivesse olhos calorosos, o sorriso traía-o.

Certa vez, fora com uma mulher – uma tratadora num jardim zoológico, por acaso – a uma discoteca em St. Paul onde vendiam cocaína a miúdos dos subúrbios nas casas de banho da cave. No parque de estacionamento, à porta da discoteca, Lucas encontrara Kenny McGuinness, que julgava estar preso.

– Porra, afasta-te de mim, Davenport – dissera McGuinness, recuando. De repente, o parque de estacionamento tornara-se elétrico. Tudo, de invólucros de pastilha elástica a saquinhos de um quarto de grama de coca abandonados, se tornava muito nítido.

– Não sabia que estavas à solta, idiota – respondeu Lucas a sorrir. A tratadora do zoo olhava, de olhos muito abertos. Lucas inclinou-se para o outro homem, meteu-lhe dois dedos no bolso da camisa e ajeitou-o cuidadosamente, como se fossem velhos companheiros a evocar recordações. Lucas segredou em voz rouca: – Sai da cidade. Vai para Los Angeles. Vai para Nova Iorque. Se não fores, vou magoar-te.

– Estou em liberdade condicional, não posso sair do Estado – balbuciou McGuinness.

– Então vai para Duluth. Vai para Rochester. Tens uma semana – bichanou Lucas. – Fala com o teu pai. Fala com a tua avó. Fala com as tuas irmãs. Depois vai-te embora.

Voltou-se para a tratadora do zoo, ainda a sorrir, parecendo esquecer-se de McGuinness.

– Pregaste-me um susto do caraças – disse a mulher quando já estavam na discoteca. – O que foi aquilo?

– O Kenny gosta de putos. Troca *crack* por cuzinhos de dez anos.

– Oh. – Ela já ouvira coisas dessas, mas só acreditava nelas como quem acredita na sua própria mortalidade: uma possibilidade longínqua que ainda não era preciso analisar.

Mais tarde, disse: – Não gostei daquele sorriso. Do teu sorriso. Parecias um dos meus animais.

Lucas sorriu para ela. – Ah, sim? Qual? O lémure?

Ela mordiscou o lábio inferior. – Estava a pensar no glutão – disse.

Embora a frieza do sorriso dele por vezes abafasse o calor do olhar, isso não acontecia com tanta frequência que se tornasse um obstáculo à socialização. Lucas observava agora a loira com ar de *punk* a virar a esquina do Governo Civil e, mesmo antes de ele deixar de a ver, voltar-se para trás e sorrir-lhe.

Merda. Ela tinha percebido que ele estava a olhá-la. As mulheres sabiam-no sempre. Levanta-te, pensou, vai atrás dela. Mas não foi. Havia tantas, e todas boas. Suspirou e reclinou-se na relva, pegando no *Emily Dickinson*.

Lucas era o retrato do contentamento. Mais do que o retrato.

Uma fotografia.

A fotografia estava a ser tirada da traseira de uma carrinha cor de azeitona estacionada do outro lado da South Seventh Street. Dois polícias dos assuntos internos trabalhavam, suados e apertados, com câmaras de película e de vídeo montadas em tripés, atrás de vidro espelhado.

O polícia mais velho era gordo. O seu parceiro era magro. Tirando isso, eram muito parecidos, com cabelo cortado à escovinha, faces rosadas, camisas de mangas amarelas e calças de malha dupla da J.C. Penney. De tantos em tantos minutos, um deles espreitava pela lente de 300 mm. A câmara presa à lente, uma *Nikon F3*, estava equipada

com *Data Back*, o qual tinha um relógio programado para ter exatidão até ao ano 2100. Quando os polícias tiravam fotografias, a data e a hora precisas ficavam marcadas na fotografia. Se necessário, a fotografia tornava-se um registo legalmente válido das atividades do sujeito vigiado.

Lucas vira o par de agentes uma hora depois de a vigilância ter começado, quase duas semanas antes. Não sabia porque o observavam, mas, assim que os viu, deixou de falar com os seus informadores, os seus amigos e outros polícias. Vivia num lago de isolamento, mas não sabia porquê. Descobri-lo-ia. Inevitavelmente.

Entretanto, passava todo o tempo que podia ao ar livre, obrigando os observadores a esconder-se na sua carrinha apertada e quente, sem poder comer, sem poder mijar. Lucas sorriu para si aquele sorriso desagradável, o sorriso do glutão, pousou o *Dickinson* e pegou no *Racing Form*.

– Achas que o cabrão vai ficar ali sentado para sempre? – perguntou o polícia gordo. Estremeceu, desconfortável.

– Parece estar instalado.

– Preciso tanto de mijar como um cavalo de corrida russo – disse o gordo.

– Não devias ter bebido aquela *Coca-Cola*. É a cafeína que faz isso.

– Talvez pudesse escapulir-me e dar uma mijadela...

– Se se mexer, tenho de o seguir. Se ficares para trás, o Bendl agarra-te pelos tomates.

– Só se lhe fores contar, imbecil.

– Não posso conduzir e tirar fotografias ao mesmo tempo.

O polícia gordo estremeceu, desconfortável, e tentou calcular as probabilidades. Devia ter saído logo que vira Lucas instalar-se no relvado, mas nessa altura não estava tão aflito. Agora que era expectável que Lucas saísse dali, tinha a bexiga como uma bola de basquetebol.

– Olha para ele – disse, espreitando Lucas através de um binóculo. – Está a ver aquela gaja a passar. Achas que é por isso que estamos a vigiá-lo? Terá que ver com a gaja?

– Não sei. É algo estranho. A forma como isto surgiu, ninguém diz uma porra.

- Ouvi dizer que ele tem alguma coisa sobre o chefe. O Lucas.
- Deve ter. Não faz nenhum. Deambula pela cidade naquele *Porsche* e sai para o campo todos os dias.
- O casaco tem bom aspeto. Condecorações e tudo.
- Ele fez umas boas capturas – disse o polícia magro.
- Muitas – disse o gordo.
- Sim.
- Matou uns tipos.
- Cinco. É o atirador número um da força. Mais ninguém matou mais de dois.
- Tudo bons tiros.
- A imprensa adora-o. É a porra do Wyatt Earp.
- Porque tem dinheiro – disse o gordo, taxativamente. – A imprensa adora gente com dinheiro, gajos ricos. Nunca conheci um repórter que não quisesse dinheiro.

Pensaram em jornalistas durante um minuto. Os jornalistas eram muito parecidos com os polícias, mas com bocas mais rápidas.

– Quanto é que achas que ele ganha? O Davenport? – perguntou o gordo.

O polícia magro franziu os lábios finos e ponderou na questão. O salário era um assunto importante. – Com o estatuto e a antiguidade que tem, deve levar quarenta e dois, talvez quarenta e cinco da cidade – alvitrou. – Depois há os jogos. Ouvi dizer que quando apanha um, ganha, tipo, cem mil, depende de quanto vende.

– Tanto – disse o gordo, maravilhado. – Se eu ganhasse isso, demitia-me. Comprava um restaurante. Talvez um bar, num dos lagos lá de cima.

– Saía – concordou o magro. Já tinham tido esta conversa tantas vezes que as respostas já eram automáticas.

– Nem sei como não o despromoveram a sargento? Tipo, quando o tiraram dos assaltos?

– Ouvi dizer que ele ameaçou demitir-se. Disse que não queria andar para trás. Decidiram que queriam mantê-lo – tem fontes em todos os bares e barbearias da cidade –, e por isso tinham de o deixar com aquela patente.

– Ele era muito chato como supervisor – disse o gordo.

O magro acenou com a cabeça. – Toda a gente tinha de ser perfeita. E ninguém era. – O magro abanou a cabeça. – Uma vez disse-me que era o pior emprego que já tinha tido. Sabia que estava a fazer porcaria, mas não conseguia parar. Um tipo facilitava um centímetro e o Davenport atirava-se a ele como gato a bofe.

Pararam de falar durante outro minuto, a ver a sua presa através do vidro espelhado. – Mas não é mau tipo, desde que não seja teu chefe – reconheceu o polícia gordo, mudando de direção. Os polícias vigilantes tinham-se tornado peritos no jogo da conversa. – Uma vez deu-me um dos jogos dele. Para o meu miúdo, o que é um génio dos computadores. Tinha uma imagem daqueles extraterrestres, como baratas de três metros de altura, a atingirem-se uns aos outros com pistolas de *laser*.

– O miúdo gostou? – O polícia magro, na verdade, queria lá saber. Achava que o filho do polícia gordo era excessivamente protegido, e talvez até fosse maricas, embora não pensasse dizê-lo.

– Sim. Levou-o para a loja e pediu-lhe para assinar. Na própria caixa. O Lucas Davenport.

– Bem, preguiçoso ele não é – disse o magro. Fez uma pausa, à espera. Passado um minuto, o gordo percebeu a piada e desataram a rir. Rir não é bom para a bexiga. O polícia gordo voltou a estremecer.

– Ouve, tenho de mijar, ou faço pelas pernas abaixo – acabou por dizer. – Se o Davenport for para algum lado além da loja, tem de ir de carro. Se não estiveres aqui quando eu voltar, corro e apanho-te à entrada da rampa.

– É o teu coiro – disse o parceiro, a olhar pela lente comprida. – Começou agora mesmo o *Racing Form*. Talvez tenhas uns minutos.

Lucas viu o polícia gordo esgueirar-se da carrinha e entrar no edifício Pillsbury. Sorriu para si mesmo. Estava tentado a sair dali, sabendo que o polícia que estava na carrinha ia ter de segui-lo, deixando para trás o gordo. Mas isso criaria complicações. Preferia tê-los em sítio seguro.

Quando o polícia gordo regressou passados quatro minutos, a carrinha ainda lá estava. O parceiro olhou para ele e disse: – Nada.

Como Lucas ainda não fizera nada, nunca tinham revelado as fotos que tinham tirado. Caso o tivessem feito, teriam descoberto que

o dedo do meio de Lucas estava esticado na maioria das imagens e poderiam ter percebido que ele os tinha visto. Mas não era importante, porque o rolo nunca iria ser revelado.

Com o polícia gordo a apressar-se a entrar na carrinha e Lucas estendido sobre a relva, a folhear o livro de poesia de novo, estavam perto de dar a vigilância por terminada.

Lucas estava a ler um poema chamado *A Serpente*, e o gordo olhava para ele através da lente da *Nikon* quando o assassino cão raivoso fez mais uma das suas.

Falara com ela pela primeira vez um mês antes, na secção de registos do gabinete do oficial de justiça do condado. Tinha cabelo preto asa-de-corvo, curto, e olhos castanhos. Brincos de aro dourado oscilavam-lhe nos delicados lóbulos das orelhas. Usava apenas um toque de perfume e um vestido vermelho quente.

– Gostaria de ver o ficheiro sobre Burkhalter-Mentor – disse a um escrivão. – Não tenho o número. Deve ser para aí do mês passado.

O cão raivoso viu-a pelo canto do olho. Tinha mais quinze ou vinte anos do que ele. Atraente.

O cão raivoso ainda não tinha ido atrás da artista. Coloria os dias a pensar nela, consumidas as noites com imagens do seu rosto e do seu corpo. Sabia que a iria apanhar; a canção de amor já começara.

Mas esta era interessante. Mais do que interessante. Sentiu a sua consciência expandir-se, deleitou-se com o jogo de luz na tez de pêsego do seu antebraço magro... E, depois da artista, teria de haver outra.

– É um processo civil? – perguntou o escrivão à mulher.

– É uma série de penhoras sobre um complexo de apartamentos ali para os lados de Nokomis. Quero assegurar-me de que se resolveram.

– OK. Era Burkhalter...

– Burkhalter-Mentor. – Soletrou-lhe o nome e o escrivão voltou à sala de arquivos. É agente imobiliária, pensou o cão raivoso. Ela sentiu a atenção dele e olhou-o.

– É agente imobiliária? – perguntou.
– Sou, sim. – Séria, agradável, profissional. *Bâton* cor-de-rosa, só um toque.

– Sou novo aqui em Mineápolis – disse o cão raivoso, aproximando-se um pouco. – Sou advogado na Felsen-Gore. Tem uns segundinhos para responder a uma questão sobre imobiliárias?

– Claro. – Agora mostrava-se amistosa, interessada.

– Tenho andado à procura perto dos lagos, a sul daqui, Lago das Ilhas, Lago Nokomis, coisas assim.

– Oh, é um bairro muito agradável – disse ela, entusiasticamente. Tinha aquilo a que os cirurgiões plásticos chamam uma boca cheia, exibindo uma fileira de dentes brancos e brilhantes quando sorria. – Há muitas casas no mercado neste momento. É a minha especialidade.

– Bem, não sei bem se quero um apartamento ou uma vivenda...

– Uma casa conserva melhor o seu valor.

– Sim, mas, sabe, sou solteiro. Não queria muito ter de tratar de um pátio grande...

– Precisa é de um *bungalow* num lote pequeno, sem muito terreno. Ficaria com mais espaço do que num apartamento e poderia contratar um serviço de jardinagem por trinta dólares mensais. É mais barato do que a taxa de manutenção da maioria dos condomínios, e conservaria o valor de revenda.

O cão raivoso obteve o seu ficheiro e esperou até ela receber uma fotocópia das penhoras. Seguiram juntos pelo corredor até aos elevadores e desceram até ao primeiro andar.

– Bem, hum, olhe, em Dallas havia uma coisa chamada lista múltipla, ou algo do género? – disse o cão raivoso.

– Sim, serviço de listagem múltipla – disse ela.

– Então, se eu andasse por aí a guiar e encontrasse um sítio, podia ligar-lhe e você mostrava-mo?

– Claro, passo a vida a fazer isso. Deixe-me dar-lhe o meu cartão.

Jeannie Lewis. Enfiou o cartão na carteira. Mal se voltou e se afastou da presença física dela, voltou a ver a artista, o seu rosto, o seu corpo, andando pelas ruas de St. Paul. Estava ávido dela e quase se esqueceu da agente imobiliária. Mas não totalmente.

Nas semanas seguintes, viu o cartão de cada vez que tirou a carteira do bolso. Jeannie Lewis do cabelo asa-de-corvo. Definitivamente, uma candidata.

Depois, o fiasco.

Acordou, na manhã seguinte, dorido e com nódoas negras. Tomou meia dúzia de aspirinas extrafortes e torceu-se com cuidado, frente ao espelho da casa de banho, para ver as costas. As nódoas negras estavam a aparecer e iriam ficar feias, manchas escuras e esguias ao longo das costas e dos ombros.

A obsessão com a artista quebrara-se. Ao sair do chuveiro, viu um rosto estranho no espelho, flutuando por detrás da superfície embaciada. Já acontecera antes. Esticou a mão e limpou o espelho com um canto da toalha. Era Lewis, a sorrir para ele, interessada na sua nudez.

O escritório dela ficava no bairro do lago do Sul, numa velha montra com uma janela grande. Conduziu pelo bairro, procurando um ponto de observação. Descobriu-o numa alameda de estacionamento mesmo na esquina oposta ao escritório de Lewis. Podia ficar sentado no carro a vê-la pela montra, sentada no seu cubículo a falar ao telefone. Observou-a durante uma semana. Todas as tardes, exceto à quarta-feira, chegava entre o meio-dia e meia e a uma, trazendo o almoço num saco. Comia à secretária, tratando de papéis. Raramente saía antes das duas e meia. Era espantosa. Era do andar dela que mais gostava, utilizando as ancas em passadas longas e fluidas. Sonhava com ela à noite, Jeannie Lewis a caminhar para ele, nua, atravessando o relvado deserto...

Decidiu recolhê-la numa quinta-feira. Encontrou uma casa com bom aspeto numa rua estreita, num bairro em remodelação, a seis quarteirões do escritório dela. Não havia casas do outro lado da rua. A entrada era algo afundada no relvado e umas escadas levavam de um biombo de trepadeiras à porta da frente. Se fosse com Lewis até à casa e ela entrasse naquele acesso e ele sáisse pelo lugar do morto, ficaria virtualmente invisível a partir da rua.

A casa propriamente dita parecia vazia. Verificou os livros de referências cruzadas utilizados pelos investigadores no seu escritório, encontrou os nomes dos vizinhos. Ligou para o primeiro do livro

e saiu-lhe um velho narigudo. Explicou que queria fazer uma oferta direta pela casa, contornando os mediadores imobiliários. O vizinho saberia quem eram os proprietários? Ah, sim... Arizona. E aqui tem o número; só devem voltar lá para o Natal, e só ficam duas semanas.

Explorando o bairro, o cão raivoso encontrou um pequeno supermercado diante de uma bomba de gasolina da Standard, a uns quarteirões da casa.

Na quinta-feira, meteu o equipamento na mala do carro e vestiu um casaco desportivo folgado, em *tweed*, com bolsos espaçosos. Assegurou-se de que Lewis estaria lá, conduziu até ao supermercado, estacionou num parque movimentado e ligou-lhe de um telefone público.

– Jeannie Lewis – disse ela. Tinha uma voz agradavelmente fresca.

– Sim, senhora Lewis? – disse o cão raivoso, pronunciando «chôra». Tinha o coração aos saltos contra as costelas. – Encontrei-a numa repartição do tribunal, há cerca de um mês. Falámos de casas na zona dos lagos?

Houve um momento de hesitação do outro lado da linha e o cão raivoso receou que ela o tivesse esquecido. Depois, disse: – Oh... sim, acho que me lembro. Descemos juntos no elevador?

– Sim, sou eu. Ouça, para encurtar razões, andava aqui pelo bairro, a ver, e tive um problema com o carro. Por isso, encostei numa bomba de gasolina e disseram-me que isto ia demorar umas horas, têm de instalar uma bomba de água. Em todo o caso, pus-me a passear e encontrei uma casa muito interessante.

Olhou de relance para o papel que tinha na mão, com a morada, e deu-lha. – Acha que podemos combinar uma hora para ir vê-la?

– Ainda está na bomba da Standard?

– Estou numa cabina telefónica do outro lado da rua.

– Neste momento não estou a fazer nada e estou a cinco minutos daí. Podia passar na outra imobiliária, fica a dois minutos daqui, trazia a chave e ia buscá-lo.

– Bem, eu não queria incomodar...

– Não, não há problema. Conheço essa casa. Está muito bem conservada. Até admira ainda não ter marchado.

– Bem...

– Estou aí dentro de dez minutos.

Demorou quinze. Ele foi ao supermercado, comprou um gelado e sentou-se numa paragem de autocarro perto da cabina telefónica a lamber o gelado. Quando Lewis chegou, ao volante de uma carrinha castanha, reconheceu-o logo. Via os dentes dela, a sorrir-lhe do outro lado de um para-brisas de vidro escuro.

– Como está? – perguntou ao abrir a porta do pendura.

– É o advogado. Lembrei-me mal vi a sua cara.

– Sim. Muito lhe agradeço. Já me apresentei? Sou Louis Vullion.

– O assassino cão raivoso pronunciou «Luu-í Vul-ión», embora os pais lhe chamassem «Louis Vúlian», rimando com «onion».

– Prazer em conhecê-lo. – E parecia tê-lo.

A viagem até à casa durou três minutos, em que a mulher enumerou as vantagens do bairro. Os lagos eram suficientemente perto para poder ir correr à noite. Suficientemente longe para que o trânsito não o incomodasse. As escolas eram suficientemente perto para reforçar o valor de revenda da casa, se um dia quisesse vendê-la. Mas não tão perto que os miúdos pudessem criar problemas. As habitações eram suficientemente estáveis para que todos os vizinhos se conhecessem, reparando nos estranhos que andassem pelo bairro.

– A criminalidade aqui é relativamente baixa, comparada com a de outros bairros da cidade – disse. Nessa altura, um avião a jato passou por cima deles a rugir, preparando-se para aterrar no aeroporto internacional Mineápolis-St. Paul. Ela não falou nisso. Vullion também não o mencionou. Ouvia só o bastante para ir acenando com a cabeça nos momentos certos. Lá no fundo, seguia o seu programa de visualização. Desta vez não podia falhar, como acontecera com a artista.

Oh, sim, assumira a culpa por aquilo; não havia volta a dar. Errara e tivera sorte em escapar. Uma mulher de sessenta e cinco quilos em boa forma podia revelar-se uma adversária formidável. Não se esqueceria disso.

Quanto a Lewis, não podia fracassar. Uma vez atacada, teria de morrer, porque vira a cara dele e sabia quem era. Treinara, pois, o melhor que conseguira, no seu apartamento, golpeando uma bola de basquetebol pendurada num cabide da porta da casa de banho. Como se fosse uma cabeça.

E agora estava pronto. Enfiara uma meia de ginástica recheada com uma grande batata de assar do Idaho no bolso da direita do casaco. Notava-se um enchumaço, mas não muito. Podia ser qualquer coisa, uma agenda, um *bagel*. Um penso higiênico *Kotex*, a fita e um par de luvas cirúrgicas de látex estavam no bolso da esquerda. Não tocara em nada onde deixasse impressões digitais até ter as luvas calçadas. Pensou naquilo, ensaiou mentalmente e foi dizendo – Ah, sim? – nos pontos certos da conversa de vendedora de Lewis.

Enquanto seguiam, sentiu a consciência a expandir-se; percebeu, com uma pitada de desagrado, que era provável que ela fumasse. Tinha um ligeiríssimo odor a nicotina.

Ao entrarem no acesso, o estômago agitou-se-lhe, como sucedera com a artista e com as outras. – Bela casa, pelo menos vista de fora – comentou.

– Espere até ver o interior. Fizeram um arranjo lindo nas casas de banho.

Ela guiou-o até à porta da frente, protegida do exterior pelas trepadeiras. A chave abriu a porta e entraram. A casa estava completamente mobilada, mas a sala da frente tinha o ar de estar demasiado arrumada, como que preparada há muito para uma ausência. O ar era estagnado e ligeiramente húmido. – Quer dar uma volta por aí? – Lewis olhou para ele.

– Claro. – Vislumbrou a cozinha, andou pela sala da frente, subiu três lanços de escadas até ao andar dos quartos, olhou para cada um deles. Quando desceu, ela estava agarrada à fita da mala, diante de si, e examinava com algum interesse um candeeiro de cristal sobre a pedra da lareira.

– Quanto pedem?

– Cento e cinco.

Acenou com a cabeça e olhou para a porta da cave, ao fundo da cozinha.

– É a cave?

– Sim, penso que é.

Quando ela se virou para a porta, ele tirou a meia do bolso. Ela deu mais um passo em direção à porta da cave. Balançando a meia como uma maçã, atingiu-a com a batata de assar na nuca, um pouco acima da orelha esquerda.

O golpe atirou-a ao chão e Vullion lançou-se para as costas dela, atingindo-a de novo. Esta não era como a cabra da artista. Era uma empregada de escritório sem força nos braços. Gemeu uma vez, confusa, e ele agarrou-lhe o cabelo do cocuruto da cabeça, puxando-lha para trás e enfiando-lhe o penso higiênico. Calçou as luvas, pegou na fita que estava no bolso lateral e, rapidamente, embrulhou-lhe a cabeça. Quando, por fim, ela começou a debater-se, fê-la rolar, cruzou-lhe os punhos e prendeu-os com fita. Ela começava a recuperar, de olhos semiabertos, e ele arrastou-a, escada acima, até ao primeiro quarto, onde a atirou para a cama. Primeiro, atou-lhe os braços à cabeceira, depois, as pernas, afastadas, aos postes dos cantos da cama.

Tinha a respiração acelerada, mas sentia a ereção pressionar-lhe a virilha e a excitação a crescer-lhe na garganta.

Deu um passo atrás e olhou para ela. A faca, pensou. Espero que haja uma boa. Desceu para procurar na cozinha.

Na cama, atrás dele, Jeannie Lewis gemia.